



REURBANIZAÇÃO DE FAVELAS: O CASO DO CARLOS DIAS EM VIÇOSA-MG

SILVA, Maristela Siolari da

Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo DAU/UFV
siolari@ufv.br

FIGUEIREDO, Ana Luísa Silva

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo DAU/UFV
figueiredo.aluisa@gmail.com

FARIA, Jansen Lemos

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo DAU/UFV
jansenfaria@hotmail.com

591

RESUMO

A segregação urbana fica nítida quando essas diferenças sociais são colocadas em primeiro plano: ela acontece por conta das disparidades e o resultado palpável são os bairros periféricos e comunidades de baixa renda, mais conhecidas como *favelas*. É possível entender a favela Carlos Dias como um território específico da cidade de Viçosa-MG, cujo histórico de formação é de conflitos com o poder público e privado. O trabalho foi desenvolvido através das metodologias de Pesquisa-Ação e Observação Participante. Pela análise das demandas e potencialidades do local foram definidos três eixos de trabalho: 1) Vias, Acessibilidade e Relação com o entorno; 2) Espaços de lazer e convívio e 3) Requalificação da Creche.

Palavras-chave: Favela, urbanização, cidade de médio porte.

ABSTRACT

Urban segregation is clear when the social differences are placed in the foreground: it happens because the disparities and the results are the peripheral neighborhoods and low-income communities, better known as slums. It is possible to understand the slum Carlos Dias as a specific territory in Viçosa-MG, whose history is full of conflicts with the public and private. The work was developed through the methodologies of Action Research and Participant Observation. For the analysis of the demands and potentials of the local three areas of work were defined: 1) pathways, accessibility and relationship with the environment; 2) social and leisure spaces and 3) Rehabilitation of the Pre-School.

Key-Words: Slum, urbanization, medium cities.



APRESENTAÇÃO

Território pode ser entendido como a apropriação de um espaço geográfico por um indivíduo ou um grupo de pessoas; estas barreiras e estes territórios podem ser físicos ou não. Quando é falado das diferenças sociais presentes na cidade, a noção de território é de suma importância. A segregação urbana fica nítida quando essas diferenças sociais são colocadas em primeiro plano: ela acontece por conta das disparidades e o resultado palpável são os bairros periféricos e comunidades de baixa renda, mais conhecidas como *favelas*.

Localizado na região central de Viçosa, a *favela* Carlos Dias está próximo a serviços essenciais como educação e saúde. Apesar disso, dados relacionados ao índice de desenvolvimento humano são muito baixos. As características físicas da comunidade foram norteadoras do projeto, bem como a implantação das habitações e traçado das vias já existentes. Como se trata de uma área com relevo acidentado há preocupação com a acessibilidade nas vias, drenagem urbana e qualidade das fundações das habitações. Este último fator exige outros processos de pesquisa, como coleta de amostras do solo para análise em laboratório e inspeções em obras que não foram realizadas neste trabalho.

Este trabalho teve como objeto de estudo as ocupações urbanas ilegais em cidades de médio porte, com recorte em Viçosa, Minas Gerais. A área de estudo é o bairro Carlos Dias, ou Sagrados Corações, popularmente chamado de *Rebenta Rabicho*. Como já apresentado, o nome que será utilizado ao longo deste trabalho será Carlos Dias. É possível entender o bairro Carlos Dias como um território específico da cidade, cujo histórico de formação é de conflitos com o poder público e privado, gerando grande segregação urbana e transformando-o em um bairro que gera má impressão por parte dos moradores de demais bairros da cidade.

METODOLOGIA

Foram realizadas as seguintes atividades: revisão bibliográfica acerca dos temas *cidades, segregação urbana, identidade cultural, favelas, requalificação urbana*, relevantes para o estudo; observação das dinâmicas sociais *in loco* do Carlos Dias; estudos de caso para identificar propostas interessantes – soluções para problemas de áreas de construção irregular e o modo como as intervenções foram trabalhadas: arte urbana, praças de esportes e demais áreas de convívio e elaboração das diretrizes para a proposta de intervenção



Em vez de realização de entrevistas e aplicação de questionários com a população do bairro, foi desenvolvida através das metodologias de Pesquisa-Ação e Observação Participante e proposta da realização de conversas com moradores.

De acordo com a Pesquisa-Ação deve-se partir de algum ponto ou um projeto já em desenvolvimento na área de estudo e buscar aprimorá-lo. Desta forma, houve a inclusão dos projetos da Casa Cultural do Morro nestas práticas. O projeto *Um Bom Lugar* deu início a requalificação urbana do bairro. Ao longo das atividades do projeto vem havendo participação de outras pessoas – como as Crianças Arteiras e demais moradores do bairro – além da autora, esta que fica com a função de coordenar e analisar posteriormente o que foi realizado. Para o levantamento de dados serão utilizados dados levantados pelo *Projeto Memórias do Morro*, também desenvolvido na Casa Cultural do Morro, bem como a documentação deste processo.

A Observação Participante complementa a metodologia da Pesquisa-Ação, pois trabalha alguns aspectos que são pertinentes, devido ao envolvimento da autora com a comunidade Carlos Dias. Segundo Licia Valladares, é uma metodologia de trabalho que exige tempo e interação entre o pesquisado e o pesquisador. Foi desenvolvida por William Foote Whyte em seu trabalho *Sociedade de Esquina*, que trata da análise sociológica de um bairro degradado de Boston, chamado *Cornerville*. O autor percebeu que para realizar o estudo que desejava, deveria se tornar parte daquela comunidade para identificar as relações sociais de forma verdadeira e assim mudou-se para o local e realizou a pesquisa durante três anos. Retirou-se somente para redigir o livro supracitado, pois era necessário afastar-se, mudando-se para Chicago.

A pesquisa que originou este artigo tem caráter exploratório. E, para que fossem cumpridos os objetivos determinados, foram realizadas as seguintes atividades:

- Revisão bibliográfica acerca dos temas *idades, segregação urbana, identidade cultural, favelas, requalificação urbana*, relevantes para o estudo;
- Observação das dinâmicas sociais *in loco* do Carlos Dias;
- Estudos de caso para identificar propostas interessantes – soluções para problemas de áreas de construção irregular e o modo como as intervenções foram trabalhadas: arte urbana, praças de esportes e demais áreas de convívio.



CIDADE, FAVELA E INTERVENÇÕES

Cidade

A cidade provém simultaneamente da procriação biológica, da evolução orgânica e da criação estética. É ao mesmo tempo objeto da natureza e sujeito de cultura; indivíduo e grupo, vivida e sonhada; a coisa humana por excelência.
(LÉVI-STRAUSS em Tristes Trópicos de 1955)

594

A síntese realizada por Lévi-Strauss acima responde a pergunta-título de Rolnik – o quê é cidade? – e abarca o que nela consiste. É possível entender as cidades a partir de cada ponto que foi elencado e que passa a ser uma interessante forma de análise para este trabalho. É importante ressaltar a presença do homem, que enquanto agente, está em todos estes pontos.

A cidade está sempre em transformação. Segundo Benevolo ela “não existiu sempre, mas teve início num dado momento da evolução social, e pode acabar, ou ser radicalmente transformada, num outro momento. Não existe por uma necessidade natural, mas uma necessidade histórica” (BENEVOLO, 2011, p.9). Com isso conseguimos entender que os processos históricos de criação, urbanização e transformação das cidades estão intrinsecamente vinculados à sua própria existência, e às condições de relação com o homem.

Mumford coloca que, antes de pensar em alguma ordenação urbana, o homem já se organizava em sociedade. “Situaremos em bases falsas todo o problema da natureza da cidade, se procurarmos apenas estruturas permanentes, amontoadas por trás de uma muralha” (MUMFORD, 2004, p.11). Desta forma, a relação de sociedade é o elemento fundamental. Porém, sempre foi importante ter um local de referência para o grupo, sejam nas cavernas, ou em abrigos, posteriormente. A cidade nasce do processo de sedentarização do homem, a partir do domínio permanente do território.

Com o desenvolvimento das grandes sociedades surgiram outras necessidades para os espaços, como louvar os deuses – que levou a criação de templos na antiguidade clássica – bem como a criação de espaços de debate como a *ágora* e o *fórum* romano. A necessidade de demonstração do poder, tanto da igreja como dos impérios, fez a cidade barroca organizar-se em espaços geometrizados. (BENEVOLO, 2011, p.9) Padrões geométricos também foram utilizados no planejamento e execução de cidades da América Espanhola.

O crescimento das cidades – por conta do aumento populacional e também êxodo rural – ocasionou, ao longo do tempo, mudanças estruturais que, devido pressão da economia,



tecnologia e cultura de massas somado a falta de planejamento e trocas de governantes, geraram problemas de transportes e fluxos. As cidades modernistas – muitas vezes só existentes enquanto projetos – vieram como resposta a estes problemas, tendo a setorização das principais atividades como base. Em seu livro *Pensando o Espaço do Homem*, Milton Santos faz uma reflexão sobre as concepções modernistas de cidade, dizendo: “era a glorificação do repetitivo, do feio, a serviço de uma reprodução mais rápida do capital” (SANTOS, 2009, p. 36). Sendo o modernismo o movimento que tratava a habitação como *máquina de morar*¹, a cidade também ficaria à mercê do capital. Brasília foi construída de acordo com estes parâmetros, mas destratou dos trabalhadores que a construíram e que a mantêm alocados em cidades-satélite, muitas vezes construídas sem qualquer planejamento.

Apesar da tentativa de planejamento de cidades modernistas, Benevolo coloca, também, que partes das pesquisas modernistas foram aceitas pela sociedade contemporânea, e partes rejeitadas. As cidades que começaram a realizar projetos de planejamento urbano passaram a utilizar alguns desses pressupostos. Assim, se manteve a separação de zonas para cada função, reduzindo os inconvenientes que derivam da mistura das funções na cidade. Porém, o domínio das moradias individuais prevaleceu às grandes unidades de habitação propostas pelos modernistas, pois estas definem de modo forçado novas maneiras dos indivíduos se relacionarem. (BENEVOLO, 2011, p.657)

A preocupação com a desorganização das cidades gera a proposição de leis e projetos diferentes em cada país. No Brasil, o *Estatuto da Cidade* está em vigor desde 2001 e prevê, dentre 58 artigos, que todo município com mais de 20.000 habitantes deve realizar seu plano diretor, bem como aqueles que forem turísticos ou serão local de implantação de grandes empreendimentos. Mesmo assim, a maioria dos municípios brasileiros ainda não realizou o plano – mesmo com prazo de implantação de todos os instrumentos até 2006 – e grande parte dos que realizaram o fizeram de forma inadequada e não conseguiram realizar sua implementação. Desta forma há um ambiente propício ao crescimento da cidade de forma irregular e sem fiscalização. Assim:

¹ “Le Corbusier afirmou no começo do século passado que uma casa é uma máquina de morar. Ele exaltou as virtudes da máquina a vapor, do aeroplano, do silo. Pensem sobre isso: uma casa é uma máquina de morar. Um escritório é uma máquina de trabalhar. Uma catedral é uma máquina de orar. A perspectiva é aterradora, porque os arquitetos estão agora projetando para a máquina e não para as pessoas.” (MCDONOUGH, 2008 p.430)



Enquanto os urbanistas modernos consideravam essas manifestações do atraso, do irregular, do improviso, como “excepções” a serem suplantadas pelo progresso, o que se viu foi o contrário. A cidade planeada e a habitação regularmente projectada são minoria. Há uma expansão do ilegal sobre o legal, do informal sobre o formal, da exceção sobre a regra. Na urbanização desurbanizada, a exceção é a cidade, a norma é a emergência de um “planeta de favelas”. (ARANTES, 2008, p.5)

Quando Benevolo sugere uma transformação da cidade pode-se interpretá-la como a transição de cidade regular para cidade irregular. Segundo Carlos Leite “as pessoas nunca buscaram tanto se aglomerar. Em um planeta cada vez mais digital e virtual, nunca se buscou tanto o encontro físico, e as cidades foram tão atrativas” (LEITE, 2010, p.104).

Chegamos a outra questão abordada por Lévi-Strauss: a simultaneidade da cidade. Ela é simultânea porque é local onde tudo acontece ao mesmo tempo. É onde são feitas as trocas, dos grandes e pequenos negócios à interação social e cultural. (LEITE, 2010, p.104) A cidade oferece oportunidades que não existem no campo criando a ilusão de que são iguais as oportunidades para todos e todas. O sujeito que trabalha na terra vê a possibilidade de ascensão social de forma mais fácil na cidade do que no campo e se muda em busca desta melhora econômica. Porém, o que acontece na maioria dos casos é a alocação destas pessoas em subempregos e, por consequência, fixam residência em assentamentos irregulares e, muitas vezes, ilegais.

A população urbana aumentou significativamente ao longo do século XX: há 100 anos, apenas 10% da população mundial viviam em cidades. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, nos últimos 50 anos, o número de habitantes do mundo mais que duplicou, passando de 2 bilhões e 500 mil em 1950 e atingindo 7 bilhões em 2011. Atualmente, mais de 50% da população mundial moram em zonas urbanas. Em 2050, os dados apontam para que 75% vivam nas cidades. Além disso, nas próximas décadas as cidades de países em desenvolvimento concentrarão 80% da população urbana do planeta (LEITE, 2010, p.104). Para concluir os dados, em 2001 Os moradores de favela constituem espantosos 78,2% da população urbana dos países menos desenvolvidos e o total de um terço da população urbana global. (DAVIS, 2006, p.198)

Desta forma, o planejamento urbano municipal e regional se fazem importantes para resolver problemas e evitar com que outros se perpetuem. Os responsáveis pela ordenação do espaço são arquitetos e arquitetas.



O desenvolvimento das cidades ao redor do mundo se deu e continua ocorrendo de formas diferentes, muito por conta destes atores que se relacionam e vivem de acordo com suas respectivas culturas. Nos Estados Unidos e na Europa, como exemplifica Benévolo em seu *História da Cidade* (2011), há uma associação entre a administração tradicional e as concepções modernas que permitem um desenho urbano e de edificações razoavelmente acessíveis. Já nos demais países do mundo, esse desenvolvimento acontece de forma tão ou mais rápida que no exemplo anterior, mas, com uma diferença: a cidade ilegal já sobressai a legal.

O espaço urbano já não está restrito a imagem de um conjunto denso e definido de edificações. Pode ser entendido de maneira mais ampla como a predominância da cidade sobre o campo. (ROLNIK, 2004, p.11) A paisagem que era bem definida: aqui núcleo urbano e ali a natureza, agora já não é tão clara. A modificação desta paisagem está intrinsicamente ligada às mudanças socioeconômicas.

Periferias, subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas recobrem e absorvem zonas agrícolas num movimento incessante de urbanização. No limite, este movimento tende a devorar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo (ROLNIK, 2004, p.11)

De acordo com dados do IBGE, em 2010 a população rural brasileira era de 29.821.150 habitantes e a população urbana era de 160.934.649 habitantes. Em termos de porcentagem, destes mais de 190 milhões de habitantes, apenas 15% residem na zona rural. Além disso, neste censo foi constatado que mais da metade dos brasileiros são negros ou pardos.

A realidade social enfrentada por trabalhadores rurais e suas famílias é diferente em muitos aspectos daquela enfrentada pelos operários dos setores industriais de ponta, ou então dos comerciários. Há diferenças de renda, de estilos de vida, de acesso às instituições públicas tais como escola, hospital, centros de lazer. (SANTOS, 2006, p.51)

É neste contexto que se faz importante o planejamento urbano e regional, sendo que muitas cidades partem para o *planejamento estratégico*² para sua execução.

² “Apesar da roupagem democrática e participativa, as propostas dos ‘planos estratégicos’, vendidos às municipalidades latino-americanas, combinaram-se perfeitamente com o ideário neoliberal que orientou o ‘ajuste’ das



A cidade compreende diversas cidades, baseadas na ideia de centros. Ângelo Serpa argumenta: “todos os lugares, ao menos potencialmente, podem se constituir centros, por outro lado, uma hierarquia de centros – que pode ser lida nas mais diversas escalas – vai mostrar que há sempre lugares mais centrais que outros” (SERPA, 2011, p.98-99). Essa hierarquia pode ser produtora do conflito social.

Além do mais, as distinções entre as classes sociais nem sempre são tão nítidas na vida cotidiana como podem ser na definição acima. Isso pode ser exemplificado pelo fato de que as grandes concentrações urbanas costumam registrar uma larga faixa de camadas sociais intermediárias, de limites imprecisos e características variadas, as quais são rotuladas de classes médias. (SANTOS, 2006, p.52)

598

Assim há uma grande camada da população que também acaba por ser excluída de serviços por conta das distâncias entre pontos da cidade. As dinâmicas urbanas atuais acarretam e intensificam os processos de segregação e exclusão das periferias e sua população. A dificuldade na locomoção urbana dos habitantes das comunidades periféricas, explicada pela geografia e pela falta de disponibilidade de serviços de ônibus intensificam a segregação urbana de acordo com a classe social.

Favela

Favela é o nome dado a aglomerados urbanos irregulares em cidades. Para o IBGE, o conceito de favela se aplica a aglomerados subnormais com no mínimo 51 domicílios em situação fundiária de risco, com falta de infraestrutura básica e urbanista. (COSTA; NASCIMENTO, 2005, snp) E, segundo Benevolo, “cada nação chama de modo diferente estes bairros irregulares: *ranchos* na Venezuela, *barriadas* no Peru, favelas no Brasil, *bidonvilles* nos países de língua francesa, *ishish* no Oriente Médio” (BENEVOLO, 2011)³.

Além de fazer parte do nosso patrimônio cultural e artístico, as favelas se constituem através de um processo arquitetônico e urbanístico vernáculo

políticas econômicas nacionais por meio do Consenso de Washington” (MARICATO, 2008, p.57-58) que dentre outros abrangia os tópicos de priorização/racionalização dos gastos públicos, liberalização financeira e privatização.

³ Grifos nossos.



singular, que não somente difere, ou é o próprio oposto, do dispositivo projetual tradicional da arquitetura e urbanismo eruditos, mas também compõe uma estética própria, uma estética das favelas, que é completamente diferente da estética da cidade dita formal e possui características peculiares. (JAQUES, 2001, snp)

Quando pensamos no Brasil, o imaginário nos leva aos complexos das grandes cidades, com a presença em massa das *favelas*. As primeiras ocupações urbanas em áreas ilegais registradas no país ocorreram na cidade do Rio de Janeiro. Podemos utilizá-la como exemplo para entender as grandes transformações urbanas que aconteceram no Brasil, observando o que a cidade sofreu para análise do processo de favelização nas demais cidades brasileiras.

No início do século XX, no mandato do prefeito Pereira Passos, foi proposto refazer o traçado de vias, alinhamento de fachadas e organização do transporte público coletivo, sendo necessária a demolição de muitas edificações e habitações. A partir desta situação os antigos moradores dessas edificações demolidas começam a se instalar em seu próprio local de trabalho, nos subúrbios ou – a alternativa para os menos favorecidos, nas encostas dos morros – formando as primeiras favelas (VAZ, 1994, p.588). Este processo não foi e nem é diferente em outras cidades. Desde os grandes centros urbanos como São Paulo e Brasília, como as inúmeras cidades do interior dos estados, cada qual com sua especificidade. Geraldo Browne, em sua dissertação de mestrado, comenta:

O processo acelerado de urbanização das cidades brasileiras é um fato, principalmente a partir da década de 50, contribuindo para formar e agravar um quadro de urbanização segregadora e excludente, existente desde os tempos coloniais. Em um curto espaço de tempo, novas áreas são incorporadas ao espaço urbano em forma de loteamentos – legais ou ilegais, clandestinos ou irregulares; mudanças de usos e formas de ocupação do solo urbano ocorrem nos diferentes espaços da cidade; e edificações são construídas, demolidas e transformadas a todo momento. (RIBEIRO FILHO, 1997)

Como resultado desses processos de territorialização, e pela disputa de poder – devido ao domínio de algum território – a cidade contemporânea pode ser caracterizada pela segregação. (NOVY, 2002). A desigualdade social muitas vezes é evidenciada pela qualidade das habitações encontradas em áreas de ocupação ilegal, sendo que por priorizar a construção



de um abrigo, o acabamento é deixado em segundo plano. A estética da favela é a *bricolagem*⁴.

Intervenções

As intervenções nas cidades podem ocorrer de formas permanentes ou não. São resultantes de interesses de cunho cultural, social, sanitário, econômico ou político motivadas por referências e identidade, história urbana, sociabilidade e diversidade, infraestrutura inexistente e mudanças nos padrões sociodemográficos. (VARGAS, 2009)

No tópico *Cidades* deste trabalho foram elencados os processos de urbanização e crescimento das cidades. É interessante aqui fazer um resgate da preocupação com a elaboração de projetos expostas naquela parte. Como aponta Davis (2006), em 2001 os moradores de *favela* constituíam um terço da população urbana global. Com as projeções de crescimento das cidades também é de se esperar que esta razão cresça – e no Brasil isso não é diferente.

Quando se tratam de intervenções urbanas é importante “não ignorar nenhum grupo social, nenhuma forma de morar. A favela representa mais de 3% da população brasileira” (PASTERNAK, 2008, p.75). Além disso, as práticas e relações sociais ali existentes são fundamentais para o sucesso de qualquer operação.

O fenômeno do crescimento das cidades gera uma deterioração de muitas áreas urbanas. Do centro às periferias, a falta de planejamento urbano provoca ondas de valorização e desvalorização de certas áreas que determinam mudanças de fluxo e ocupação – o esvaziamento do centro e inchaço das periferias é o resultado deste processo. (ROLNIK, 2006, snp)

Segundo Raquel Rolnik, quando se tratam de áreas centrais, que apesar de serem dotados de infraestrutura básica, com ampla acessibilidade por transporte coletivo, acabam

⁴ Aquele que "bricola", ao contrário do arquiteto, não vai diretamente ao objetivo, nem busca uma unidade, ele age de forma fragmentária através das idas e vindas de uma atividade não planejada, empírica. A bricolagem seria uma arquitetura do acaso, uma arquitetura sem projeto. A forma final é resultado do próprio processo construtivo, o objetivo principal do construtor é criar um abrigo. (JACQUES, 2001, snp)



por ser abandonados em prol da procura de novos lugares *em voga*, ficando desvalorizados pela lógica do mercado e pelo imaginário de nossa cultura urbana. E continua:

Reabilitar os centros [e outras áreas], segundo a estratégia de ampliar o espaço de urbanidade para todos, é, como sabemos, desafio de enorme complexidade. (...) Significa romper o paradigma de que requalificar é sinônimo de excluir qualquer traço da presença dos mais pobres – a não ser como garçons, porteiros ou artistas envolvidos em espetáculos que compõem o cenário, pessoas que evidentemente viverão bem longe dali, em alguma favela ou periferia precária. (ROLNIK, 2006, snp)

601

O espaço urbano deve ser de todos e para todos. Porém, negar a favela como parte da cidade é *invisibilizar* seus moradores.

Por isso, o histórico de intervenções urbanas em favelas mostra que por muito tempo o as ações eram voltadas para a sua extinção ou adequação formal ao padrão de habitação e modos de vida partilhados pelos espaços legitimados da cidade. Isso ocorreu porque a favela era entendida como um problema urbano que afeta o desenvolvimento e compromete a ordem social vigente.

Diante dessa expansão descontrolada da pobreza urbana, a tradicional política de remoções, ainda persistente, parece fazer cada vez menos sentido: no lugar da favela que sai, em dias forma-se outra. As iniciativas para tornar invisível a pobreza são, hoje, tecnicamente inócuas. Sem ter como varrê-la definitivamente para longe, mesmo os políticos conservadores perceberam que não se pode mais ignorá-la (ARANTES, 2008, p.3).

Assim, percebe-se que neste processo de urbanização os enfrentamentos e as formas organização de vida cotidiana dessa população não são contabilizadas. Os moradores da favela vêm historicamente se mobilizado no sentido de buscar melhorias de suas condições de moradia e, tem resistido a propostas com fins de acabar com a favela e degradar as condições de vida sob um discurso de melhorias dessas populações. As propostas desconsideram também os movimentos e as lutas dos favelados sem encontrar soluções para os problemas enfrentados.

PROPOSTA E RESULTADOS

Para pensar a proposta de trabalho foi necessário o entendimento do papel do arquiteto em propostas de reurbanização de favelas. O arquiteto é o profissional que reorganiza espaços, melhora fluxos e trabalha a estética. Quando se trabalha com reurbanização de



favelas surgem inúmeros problemas que devem ser levados em consideração, mas que não são de responsabilidade do arquiteto. Para que uma ação de reurbanização seja eficiente devem ser pensadas propostas por uma equipe interdisciplinar – de médicos a arquitetos passando por geógrafos e cientistas sociais.

No âmbito da arquitetura é impensável projetar, nos dias de hoje, seja na escala urbana ou no nível arquitetônico, sem considerar as mudanças urbanas que ocorrem de forma, cada vez mais latente, com o planeta. William McDonough coloca que “se compreendermos que o projeto manifesta a intenção humana e se o que fazemos com as nossas mãos deve ser sagrado e honrar a terra que nos dá a vida, então as coisas que fazemos não devem apenas erguer-se do chão, mas retornar a ele” (MCDONOUGH, 2008 p.429). Desta forma, tudo o que for projetado deve ser pensado para as pessoas e de forma sustentável.

O Carlos Dias

Localizado na região central de Viçosa, o Carlos Dias está próximo a serviços essenciais como educação e saúde. Apesar disso, dados relacionados ao índice de desenvolvimento humano são muito baixos. A população é estimada em 600 habitantes.

As características físicas da comunidade serão norteadoras do projeto, bem como a implantação das habitações e traçado das vias já existentes. Como se trata de uma área com relevo acidentado há preocupação com a acessibilidade nas vias, drenagem urbana e qualidade das fundações das habitações. Este último fator exige outros processos de pesquisa, como coleta de amostras do solo para análise em laboratório e inspeções em obras que não cabem a este trabalho.

A área a ser trabalhada compreende aproximadamente 315.000m², medido através de ferramentas do Google Earth. Grande parte está ocupada, mas ainda há grandes espaços vazios. Ao norte há um talvegue, com a presença de um curso d'água natural que é formado em ocasião de chuvas.

Entre os estabelecimentos do bairro há três bares, uma igreja evangélica, a Pastoral da Criança, da igreja católica, e a Casa Cultural do Morro.



Histórico

Registros oficiais não datam a criação da comunidade, mas é dito que aconteceu em meados da década de 1970. Sabe-se que sua história está diretamente relacionada ao êxodo rural, pois os primeiros moradores do morro foram trabalhadores oriundos das zonas rurais, que sem condições de comprar terras no centro ou proximidades, se instalaram no Pasto do Manoel Coelho, local que não oferecia atrativos econômicos para a população mais abastada. Além disso, moradores comentaram que parte da área era de propriedade da UFV, que doou para antigos funcionários fixarem residência. Isso ocorreu – também explicitado em conversas – pois aqueles que moravam em habitações dentro do campus da universidade foram retirados por conta da chegada de novos funcionários devido a expansão da mesma, fato reiterado por Ribeiro Filho:

Parte desta população, ou por não encontrar colocação no mercado de trabalho local, ou por não receber salário suficiente para ter acesso às áreas urbanizadas da cidade, foi levada a buscar soluções informais para seus problemas de habitação na favela “Rebenta Rabicho” e em áreas periféricas da cidade, onde construíram suas casas de baixo padrão construtivo, em sua maioria, e em sistema de autoconstrução ou de mutirão, à revelia das leis existentes. (RIBEIRO FILHO, 1997, p. 142)

De acordo com a moradora Dilza, na década de 1980 foi construído um muro, criando o bairro Vereda do Bosque, fazendo divisa com o Carlos Dias. O bairro que já era estigmatizado passou a ter uma fronteira física, reiterando a segregação social. Dilza coloca, também, que na década de 1980 foi, com incentivo de alunos da UFV, iniciado o processo de criação de uma Associação de Moradores no bairro, mas não chegou a se estabilizar.

A comunidade sofria com a falta de infraestrutura, pois não havia água, luz, rede de esgoto e colheita do lixo que mesmo sendo pouco, pois, os moradores não tinham acesso a bens de consumo ainda assim causava danos a aquele meio.

Na década de 1980 foi desenvolvido um projeto em sistema de apadrinhamento das crianças do bairro. Os doadores eram estrangeiros e faziam as doações em nome de cada criança. Foi decidido entre os moradores – através da Associação de Moradores - que a melhor forma para gastar o dinheiro do projeto seria na construção de casas de alvenaria, pois a grande maioria era de barro e sapé. Mas, antes era necessário melhorar a infraestrutura: calçamento de ruas, água encanada, luz e rede de esgoto. Para a realização das obras foi feita



uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Viçosa e os moradores, sendo que a primeira doaria os materiais e os moradores a força de trabalho. Tanto a abertura de valas para encanamento de esgoto, quanto das casas foram realizadas em mutirão. O acesso ao morro tinha sido fechado e para a realização destas obras foi reaberto, sendo os donos das terras indenizados. (SILVA, 2011, p.)

Em conversa com Carla Rosa foi abordada as dificuldades de construção das moradias no bairro, o que é reiterado por Arantes:

No lote ilegal, a casa é construída pelo esforço dos moradores que, nos seus dias de folga, ou mesmo à noite, erguem o abrigo que o seu pequeno salário não lhes permite comprar. A técnica é a mais rudimentar, os materiais, os mais baratos. O que é para ele a produção de um valor de uso, entretanto, representa socialmente uma economia para o capital. A fuga ao aluguer reduz o custo de reprodução da força de trabalho e a sua pressão pelo aumento de salários. Nas favelas, ironicamente, quase todos são “proprietários”. (ARANTES, 2008, p.5)

O Nome

O Carlos Dias é popularmente conhecido como Rebenta Rabicho, mas já foi identificado como Levanta Saia e Pendura Saia. Estes nomes remontam ao histórico de prostíbulos na comunidade, que de certa forma criaram uma imagem negativa do local. Outra questão relevante é a utilização da comunidade como álibi. Segundo Dilza, muitos casos extraconjugais da sociedade viçosense foram abafados com a mudança das amantes e filhos bastardos para a comunidade.

Já o nome *Rebenta Rabicho* é proveniente de uma história que é sempre contada pelos moradores. Dizem que em certa data, um padre chegou a comunidade em sua carroça, vindo pela antiga estrada que ligava a comunidade ao Pau de Paina, bairro que hoje é o atual Nova Era. Após realizar visitas e conversar com os moradores para pregar a fé cristã, subiu em sua carroça para retornar a cidade. Porém, nisso o cavalo que o levava se assustou com algum barulho ou movimentação e saiu em disparada, arrebentando os rabichos da carroça. O evento ficou marcado na memória da população e acabou se tornando referência para o local. É interessante, porém, que alguns moradores refutam essa ideia, dizendo que foi criação de algum morador que continua perpetuando.



Há, no entanto, uma placa na Creche – inaugurada durante o mandato do prefeito Antônio Chequer entre os anos de 1989 e 1992 – localizada na principal rua da comunidade, Rua Cimba Trigueira Jaceba, que a nomeia como Sagrados Corações. As diferentes nomeações fazem com que exista uma falta de identidade entre os próprios moradores, que ora falam Carlos Dias, ora Sagrados Corações e, muitas vezes, somente Rebenta.

Moradores

A população de Carlos Dias é, predominantemente, de baixa renda. A maior parte da população economicamente ativa trabalha vendendo sua mão de obra em empregos braçais, atuando como pedreiros e serventes na construção civil; como repositores e empacotadores em estabelecimentos comerciais da região, entre eles, o Supermercado Bahamas; como garis do Serviço Autônomo de Água e Esgoto – SAAE; como empregadas domésticas em casas de famílias ou em repúblicas de estudantes e em bares e restaurantes na cozinha ou como serventes. Outros adultos não têm ocupação formal, trabalhando em suas casas ou vivendo da aposentadoria.

Destes, ainda, a maioria é negra. Ser negro ou pardo no Brasil ainda é ter que enfrentar problemas cotidianos de racismo. Carla Rosa destaca que a maior dificuldade que enfrentou foi com a questão do emprego. Ela e outros moradores quando chegaram “na idade de arrumar serviço” só conseguiam em casa de família e, segundo ela, isso é humilhação e continua destacando que “eram dois preconceitos: da cor e da onde (sic) você mora”. Hoje em dia já são os moradores negros que trabalham no varejo, em lojas de informática e de bijuterias, conta.

Os primeiros moradores do Carlos Dias eram, como já mencionado, ex-funcionários da UFV e trabalhadores rurais – que historicamente tem nível escolar baixo. Assim, muitos moradores mais velhos são analfabetos ou analfabetos funcionais. São poucos, como Dilza, que conseguiram concluir um curso superior, técnico ou até mesmo o Ensino Médio.

Muitos adultos – como Arlindo, que organiza o samba – estudaram na Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor – FUNABEM. Começou a funcionar nas dependências da Escola Agrícola Arthur Bernardes, no distrito de Silvestre, em 1964 com o objetivo de formular e implantar a política do bem-estar do menor. A maioria dos alunos era ou vindos das camadas populares de baixa renda das periferias do Rio de Janeiro ou menores



desamparados da microrregião de Viçosa. Eram oferecidos cursos profissionalizantes em paralelo ao trabalho agrícola e noções de agricultura. (PANIAGO, 1990, p.145-146)

Atualmente, a grande maioria das crianças e adolescentes em idade escolar só tem acesso a colégios públicos. Dentre as Crianças Arteiras temos matrículas na Escola Estadual Madre Santa Face, Escola Estadual Coronel Antônio da Silva Bernardes – CASB e Escola Estadual Raul de Leoni, no centro. Somente uma das quase 60 crianças estuda em escola particular, o Centro Educacional Gênese. Outras que por ventura possam estudar em algum colégio particular conseguem bolsas.

O Samba

Assim como muitos aspectos da cultura brasileira, o samba tem início de forma confusa e propagada em focos no Rio de Janeiro e Bahia, no início do século XX. Tiago Gomes aponta que dentro da bibliografia existente sobre o tema, o livro de Hermano Vianna é pertinente, pois o autor se propõe a discutir o que o samba teria sido elevado ao status de símbolo nacional favorecido por um contexto cultural – aparentemente delimitado entre as décadas de 1910 e 1930 – em que ganhava força o interesse por coisas nacionais. Beneficiando-se deste interesse, o samba teria chegado à sua condição atual, o que teria sido possibilitado na prática pela ação de mediadores culturais, que levariam fragmentos da cultura popular a uma cultura de elite que desconheceria em boa parte os elementos desta cultura popular. (GOMES, 2001, p.525)

O samba é uma importante característica da cultura negra no Brasil. As letras trazem sempre temáticas de luta por direitos e resistência. Os ritmos africanos também são relacionados ao surgimento do samba e disseminação do samba enquanto representante cultura de massas vem do interesse desta com ritmos que agregassem a dança à música. (GOMES, 2001, p.528)

No Carlos Dias existe o grupo Beba do Samba, formado em sua maioria por moradores da comunidade, mas que agrega alguns membros da rua. Com apenas homens – mas sem restrições a participações especiais femininas, ensaiam e tocam no Bar do Negão com grande frequência, sendo que o Samba no Rebenta, aos sábados, já tem certo prestígio na cidade – principalmente entre os estudantes da UFV. Em algumas oportunidades o grupo se apresenta no Bar do Marcelo, no bairro de Lourdes, também em Viçosa.



O Projeto

A partir destas noções teóricas foi possível pensar o que deveria ser feito, de fato, neste *projeto* de reurbanização de favelas. Através da análise das demandas e potencialidades foram definidos três eixos de trabalho: 1) Vias, Acessibilidade e Relação com o entorno; 2) Espaços de lazer e convívio e 3) Requalificação da Creche.

No primeiro eixo foram desenvolvidas possibilidades de alargamento de vias para o acesso de ônibus e facilitar o deslocamento de ambulâncias ou caminhões, quando necessário. Ao sul o escadão foi reformado acoplando-se um elevador em prol da acessibilidade. Também foi aberto o acesso ao bairro pelo Beco Carlos Dias através da criação de patamares de acordo com as cotas das casas existentes. Foi necessária a remoção de seis famílias para a criação destes, sendo que uma área foi destinada a realocação destes moradores. Para trabalhar a questão da relação com o entorno foi criado o Espaço Múltiplo com área para a realização do Samba do Rebenta e para a nova creche – no terceiro eixo. Além disso a área de lazer da creche se estendeu formando um *pipódromo*, para as crianças soltarem suas pipas em segurança.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro F. O lugar da arquitectura num "planeta de favelas". **Opúsculos - Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura**. Editora Dafne: Porto, 2008. Vol.11. Disponível em: <http://dafne.pt/conteudos/livros/o-lugar-da-arquitectura-num-planeta-de-favelas/opusculo_11.pdf> Acesso em 9 de janeiro de 2014.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

GOMES, Tiago de Melo. Hermano Vianna O Mistério do Samba. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Versão On-line, v. 21, n. 42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n42/a14v2142.pdf>> Acesso em 3 de fevereiro de 2014.

JACQUES, Paola B. Estética das favelas (1). **Arquitextos**, 2001. Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>> Acesso em 7 de novembro de 2013.



LEITE, Carlos. Cidades 2010+25. **aU – Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, ano 25, n.197, p. 104-107, agosto 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. 1955. Trad. Wilson Martins, revista pelo autor. São Paulo: Editora Anhembi LTDA

MCDONOUGH, William. Projeto, Ecologia, Ética e a Produção das Coisas. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. Cap. 8. p. 428-438. Tradução: Vera Pereira.

608

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. Suas origens, transformações e perspectivas. Martins Fontes, 1982.

NOVY, Andreas. **A des-ordem da periferia: 500 anos de espaço e poder no Brasil**. Tradução: Peter Naumann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa - Mudanças Socioculturais: Evolução histórica e tendências**. Viçosa: Ufv, 1990.

PASTERNAK, Suzana (Org.). A Favela que virou Cidade. In: VALENÇA, Márcio Moraes. **Cidade (I)legal**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. Cap. 4. p. 73-108.

RIBEIRO FILHO, Geraldo B. **A formação do espaço construído: cidade e legalização urbanística de Viçosa-MG**. 1997.247p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Milton. Prefácio. In: **Território: Globalização e Fragmentação**. Organização: SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. de, SILVEIRA, M. L. 5ª Edição, São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 90p.

SERPA, Ângelo. Lugar e Centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 97-108.



SILVA, Maria Dilza. **O acesso de jovens da Comunidade Carlos Dias a Universidade Federal de Viçosa**. 2011. Monografia (Graduação em Pedagogia – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG)

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf> > Acesso em 31 de outubro de 2014.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2007, vol.22, n.63, pp. 153-155. ISSN 0102-6909. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>> Acesso em 31 de outubro de 2014.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard (Orgs.). **Intervenções em centros urbanos. Objetivos, estratégias e resultados**. 2ª edição, Barueri, Manole, 2009.